

## **Considerações sobre exemplo e exemplaridade em Erasmo de Rotterdam e Michel de Montaigne**

Katarina Wolter<sup>i</sup>

### Introdução

Ainda que tenha se tornado um tópico de interesse limitado sobretudo aos estudos literários, o exemplo constitui uma parte tão essencial à argumentação filosófica, quanto recorrente. Seja como meio de ilustração do pensamento, ou como prova de um raciocínio, o uso específico deste instrumento retórico parece ser indissociável do pensamento mais amplo que lhe é subjacente. Embora a questão do exemplo tenha ocupado a atenção de filósofos tão antigos e distintos como Aristóteles, Sêneca e Quintiliano, o presente artigo não tem como objetivo traçar uma genealogia deste assunto, mas antes se limitará ao tratamento que se deu ao *exemplum* no âmbito renascentista. A partir da mediação humanista e do renovado interesse pela retórica, o interesse em torno do papel que este instrumento exerce na expressão do pensamento, parece ter ganhado um novo fôlego. Neste contexto, será privilegiado, em particular, o lugar que os exemplos ocupam na obra de Erasmo de Rotterdam e na de Michel de Montaigne, assim como a relação que estes autores mantiveram com a exemplaridade destes. Como será visto mais adiante, enquanto Erasmo recomenda explicitamente o acúmulo de exemplos como meio de desenvolvimento da habilidade

discursiva, Montaigne os submete ao retrato de seu “eu”, tornando-os figura da pluralidade, avessa à qualquer tipo de hierarquização. Neste caso, não parece ser precipitado afirmar uma relação de afinidade entre ceticismo e questionamento da exemplaridade.

### Sobre a definição de *exemplum* e alguns de seus aspectos

Antes de adentrar na especificidade que a discussão em torno do exemplo assumiu em tempos renascentistas, vale explicitar algumas informações importantes quanto à definição e etimologia do termo *exemplum*.<sup>ii</sup> Um exemplo pode ser tanto um objeto, quanto um personagem histórico, ou literário, pode se constituir tanto pela narrativa de um evento, quanto por uma citação e serve ou para ilustrar um ponto de vista, ou como prova de uma determinada proposição. É, pois, a amplitude e por vezes a falta de precisão do que seria verdadeiramente o exemplo que tornam a discussão sobre o seu uso – seja ele em que época for – tão complicada. Ainda que alguns autores/comentadores defendam que o *exemplum* constitua uma forma de narrativa, um gênero ou subgênero literário, parte-se aqui do pressuposto de que ele é antes um instrumento retórico específico, que foi ao longo do tempo sofrendo apropriações diversas.

O termo *exemplum* deriva do verbo latino *eximere*, que significa cortar, remover de um todo.<sup>iii</sup> Neste sentido, o próprio termo, tal como aparece em latim, já indicaria uma seleção. O exemplo é sempre o produto de um corte, que o autor faz a fim de selecionar o que lhe serve. Tal característica aparece explicitamente na discussão de Montaigne sobre o exemplo de Nero: apesar desta personagem ser o exemplo mais corrente de ilustração da crueldade, tal aspecto não representaria Nero em sua totalidade.<sup>iv</sup> Trata-se antes de um recorte arbitrário que se faz desta figura

histórica, que, ao tornar-se freqüente, parece de fato representar a sua essência. Ao narrar, por sua vez, um momento específico em que Nero teria demonstrado piedade, Montaigne estaria questionando o uso irrefletido de exemplos e pondo em prática o recurso literário paradoxal, que tem como objetivo principal chocar as opiniões sustentadas pelo senso comum.

A discussão em torno do exemplo tem, ao que parece, a sua origem na *Retórica* de Aristóteles. O exemplo surge a partir do termo *paradeigma*, que segundo Aristóteles seria um meio de persuasão, ou de convencimento do leitor. O *paradeigma* é apresentado como um tipo de argumentação próxima da indução e o exemplo é estabelecido, sobretudo, como uma forma de produção de crença, que é destituída da esperança de se alcançar qualquer certeza lógica absoluta. Trata-se simplesmente de um instrumento da retórica e a retórica, para Aristóteles, baseia-se em opiniões compartilhadas e tem como objetivo alcançar conclusões sobre assuntos em torno dos quais não há verdades “necessárias”, mas apenas probabilidades.

Durante o império romano e especialmente através de Quintiliano, o uso de exemplos é enfaticamente recomendado como um importante instrumento retórico de persuasão. Já na Idade Média, o recurso ao mesmo aparece em um contexto onde a filosofia está intimamente vinculada a discussões de temas religiosos. Evidentemente, nos escritos de natureza cristã o exemplo citado com maior freqüência é o próprio Cristo, que é evocado não apenas como a representação do amor de Deus pelos homens, mas também como a projeção da lei divina. A *imitatio Christi*, como indica a própria expressão, é aproximada do desejo e da recomendação da imitação da conduta de Cristo, ainda que seja mantida a ressalva de que esta imitação é e sempre será imperfeita, ou parcial. Afinal Cristo é único e em última instância não pode ser imitado. É importante ressaltar que, segundo John Lyons, tanto nesta época, quanto

muito posteriormente, durante os séculos XVIII e XIX, o uso de exemplos terá em si uma valoração prévia subjacente.<sup>v</sup> Isto significa que previamente ao uso de um determinado exemplo, já estaria claro se ele representaria uma boa ou má conduta, a ser respectivamente imitada ou evitada.

Durante o Renascimento a utilização de exemplos é um tanto distinta e mais aproximada do uso antigo, na medida em que afasta a idéia de imitação, ou o esforço pela duplicação. Além disso, no caso específico de Montaigne, a valoração prévia, subjacente ao exemplo, estará praticamente ausente: a hierarquia destes, assim como a sua exemplaridade serão fortemente questionada.

#### Exemplo e exemplaridade em Erasmo de Rotterdam

Os séculos renascentistas que abrigaram tanto Erasmo de Rotterdam, quanto Michel de Montaigne compreendem uma época marcada por uma intensa atividade literária, que permeia tanto a prática da escrita, como as discussões propriamente teóricas sobre o assunto. Erasmo de Rotterdam é um dos autores que melhor representam esta característica do Renascimento, pois além dele ter se dedicado incansavelmente à prática da escrita – seja ela política, filosófica, religiosa ou pedagógica – ele também se ocupou de maneira ampla a tratar de questões sobre retórica.

Inspirado no décimo livro da *Institutio Oratoria* de Quintiliano, o *De duplici copia verborum ac rerum*<sup>vi</sup> de Erasmo consiste numa espécie de manual, onde são apresentados meios para se alcançar a chamada *copia* (abundância), no que diz respeito à relação entre matéria e palavra. Trata-se portanto de um livro que pretendia auxiliar principalmente os novatos na obtenção de maestria quanto à eloquência.

Segundo o próprio Erasmo, não faz parte de sua intenção prescrever a maneira pela qual se deve falar e escrever, mas apenas apontar caminhos que podem ser percorridos por aquele que deseja evitar a eloquência fútil e amorfa, composta de uma multidão de idéias e palavras vazias, reunidas de maneira indiscriminada. A boa eloquência não pode, segundo ele, ser medida pela quantidade de palavras, ou seja, nem pela extensão do discurso, que pode se tornar excessivamente ornamentado e tedioso, nem pela brevidade, cujo laconismo corre o risco de deixar importantes aspectos da discussão de lado. É antes a adequação entre a palavra e aquilo que deve ser dito que assume o papel central na discussão retórica erasmiana.

Os dois tópicos fundamentais apresentados por Erasmo em sua discussão acerca de como obter o domínio discursivo são o acúmulo e o princípio da *varietas*. A *copia* poderia, assim, ser medida pela capacidade do autor em tratar e apresentar da maneira mais variada possível um mesmo assunto e para isto ele precisa ter à sua disposição uma variedade de argumentos e exemplos a que ele possa recorrer. Cícero – segundo Erasmo, o pai de toda eloquência - é aqui evocado como o exemplo dos que mais amplamente puseram em prática o princípio da variedade. O exercício recomendado por Erasmo, de exploração de um tema a partir dos mais diversos ângulos, que possibilitaria o escrutínio de todas as possíveis minúcias envolvidas na questão, constituía uma prática que se tornaria habitual no Renascimento. Trata-se da argumentação *in utramque partem*, também posta em prática por Montaigne em seus *Ensaio*s, onde um mesma tema é explorado a partir de perspectivas opostas.

A discussão sobre o exemplo surge na obra de Erasmo neste contexto mais amplo de discussão retórica, na medida em que aparece como uma parte fundamental do processo de acúmulo a que deve aspirar o escritor que deseja aprofundar a sua habilidade discursiva, pois ter uma gama de exemplos considerável certamente o

auxiliaria a praticar o princípio de *varietas*. A discussão específica sobre o uso de exemplos é indissociável da dimensão temporal e, neste sentido, da teoria mais ampla de Erasmo sobre a “imitação”, uma vez que a escrita é pelo autor percebida como uma atividade dependente da história literária, particularmente do que foi produzido na Antigüidade clássica. Ao associar a prática da escrita a um programa exaustivo de leitura, o *De copia* constitui um episódio central na história da teoria imitativa. Neste sentido, um texto é sempre visto como um prolongamento de um outro, ou de outros que lhe são anteriores. O autor, por sua vez, é consciente desta dívida e de sua incapacidade para escapar totalmente dos constrangimentos impostos por toda a leitura que ele efetuou. Mas, ainda que inspirado na história filosófico-literária, o escritor deve, segundo Erasmo, assegurar a sua independência, a partir da multiplicação e fragmentação daqueles que lhe servem de modelo. É, pois, somente desta maneira que o escritor evitaria a sua própria limitação ao prestígio de um só autor.

O diálogo intitulado *Ciceronianus*<sup>vii</sup> (Ciceroniano) - também chamado de “da melhor eloqüência” -, datado de 1528, se insere exatamente neste debate teórico apresentado em *Da Copia*, servindo-lhe inclusive de exemplo. A questão teórica fundamental colocada por Erasmo no manual sobre retórica, sobretudo a relação ambígua que o escritor deve manter com o passado, recebe, a partir das personagens evocadas pelo autor, um tratamento mais concreto. A disputa retórica é travada entre Nosoponus (que é apresentado como o ciceroniano) e Bulephorus, que representaria o ponto de vista de Erasmo. Nosoponus surge neste diálogo como um homem doente, um maníaco da eloqüência ciceroniana, que há sete anos se recusa a ler qualquer coisa que não seja de autoria do filósofo romano. Bulephorus, por sua vez, aparece como o

sensato, que faz de tudo para mostrar a seu interlocutor, que a boa imitação exclui o culto idolátrico de um único autor.

Ainda que a eloquência de Cícero seja de fato admirável, é preciso manter a ressalva de que ela era adequada ao tratamento de questões específicas e típicas de sua época. O mundo de Erasmo já não era mais o mundo de Roma, dos Césares, do senado, dos centuriões e do Capitólio. Bulephorus (ou Erasmo) diz enxergar ao seu redor um mundo distinto, cuja realidade faz com que um discurso bom e prudente seja necessariamente distante do exemplo ciceroniano. Diante de um novo contexto, marcado pela presença de outras problemáticas, seria preciso, assim, adaptar tal inspiração. Torna-se necessário re-criar, numa linguagem apropriada para a nova audiência, o sentido do texto original. Seguindo uma lição originalmente de Quintiliano, Erasmo diz ser preciso adaptar o estilo ao tema tratado, às circunstâncias e ao temperamento próprio de cada escritor.

É desta convicção que nasce a recomendação de apropriar e naturalizar o discurso alheio. Tanto no diálogo citado como no manual sobre retórica, Erasmo desenvolve essa idéia e recorre à metáfora das abelhas, que também seria usada por Montaigne no mesmo sentido. Como as abelhas que se alimentam do pólen de várias flores e produzem o seu próprio mel, o escritor deve alimentar-se da história filosófico-literária, sem deixar de produzir o seu próprio pensamento, construindo um discurso autêntico. Assim, se o escritor quer alcançar a *copia* (no sentido de domínio da eloquência) a sua imitação não deve aparecer como mera cópia.

A inspiração, a imitação de modelos e figuras exemplares e o recurso a exemplos são valorizados por Erasmo como um meio de se desenvolver a capacidade retórica e de se tornar o pensamento mais consistente. Neste sentido, a exemplaridade

de ensinamentos alheios, sobretudo antigos, e a exemplaridade de figuras históricas (ou mesmo fictícias) não têm o seu valor questionado, na medida em que servem para a formação intelectual do indivíduo. No entanto, uma vez que os exemplos devem, acima de tudo, ser plurais e provir de fontes filosóficas, literárias e históricas das mais diversas, eles terminam por servir de contrapeso uns aos outros. A consequência desta perspectiva essencialmente plural é que a exemplaridade, por exemplo, de Cícero como modelo retórico a ser imitado, acaba sendo diminuída pela presença e influência de outros autores, como Quintiliano. O único exemplo de fato universal e superior não raro evocado por Erasmo, que estaria por cima de todos os outros e serviria como padrão a partir do qual poder-se-ia julgar os demais, é Cristo. Esta figura exemplar, a partir da qual as outras figuras podem ser avaliadas como boas ou más, serve de fundamento para todo o pensamento medieval ocidental e é mantida por Erasmo. A figura de Cristo permanece, no entanto, num nível superior e ideal tão distante de todos os demais exemplos, que é praticamente incomparável.

#### Michel de Montaigne e a atitude anti-mimética

A mesma relação ambígua com o passado histórico e literário faz-se presente nos *Ensaíos* de Montaigne, pois ao mesmo tempo em que este autor se inspirava na herança deixada pelos antigos, ele também aprendeu a duvidar da autoridade tradicional que os antigos ensinamentos e modelos poderiam exercer em um mundo cada vez mais confrontado com uma inesgotável diversidade. Este embate, entre antigas e novas maneiras de explicação do mundo, diante do qual Montaigne permanece impassível, sem tomar partido por nem uma, nem outra, permeia toda a sua obra. A questão sobre exemplos e a exemplaridade destes não merece aqui uma discussão teórica explícita como no caso de Erasmo. No entanto, a partir de uma

leitura atenta dos *Ensaaios* pode-se notar um uso particular de exemplos e citações, além de uma relação com o tema da exemplaridade, que mantêm uma íntima ligação com a sua visão de mundo.

Vale lembrar que a validade do *exemplum* depende da pressuposição de que, ao longo do tempo, há mais analogia na experiência humana, do que diversidade.<sup>viii</sup> Ou seja, o uso de exemplos encontra a sua validade na crença de que a história humana é mais marcada pela repetição, do que pela singularidade. O questionamento da exemplaridade atingiria, neste sentido, o ápice em Montaigne, pois é este o pensador que mais seriamente põe em dúvida esta pressuposição. Montaigne foi de fato um dos pensadores renascentistas mais sensíveis para a percepção da variedade que, segundo ele, é a qualidade fundamental e mais universal da existência humana.

Enquanto as disputas religiosas iniciadas pela Reforma expunham a existência de interpretações distintas no seio da própria religião cristã, as navegações e sobretudo o encontro com os povos indígenas do novo Mundo<sup>ix</sup> reforçavam ainda mais a constatação da diversidade ética e cultural. Além disso, a ampliação do número de traduções de textos antigos e a difusão do livro impresso abriram novas dimensões de escrita e leitura, que revelariam do encontro entre as tradições filosófico-literárias e as novas problemáticas as mais distintas visões de mundo. O mundo percebido por Montaigne é, em suma, um mundo de pluralidade, onde perspectivas distintas de alguma maneira coexistem. A experiência da pluralidade não é só reconhecida por Montaigne, como torna-se o próprio centro dos *Ensaaios*, na medida em que estes tinham como fim último o registro das variadas e por vezes contraditórias elucubrações de seu autor.

A despeito do questionamento que Montaigne faz do caráter exemplar de modelos, uma vez que desconfiava da pertinência destes quando deslocados para um

novo contexto que não o original, a presença de exemplos e citações é evidente em seus *Ensaio*s. No entanto, longe de lhes servirem como prova de uma argumentação, ou de uma tese que se pretenderia definitiva, eles são evocados a fim de ilustrar os diversos pontos de vista que ele apresenta. No primeiro ensaio de todos (*Por diversos meios chega-se ao mesmo fim*), aquele que tem como tema a inconstância humana, Montaigne discute sobre qual seria a maneira mais adequada de enternecer o coração daquele que nos mantém à sua mercê. Lançando mão de exemplos distintos e de variadas figuras históricas, ele argumenta ora a favor da submissão, ora a favor da bravura. Os exemplos servem, assim, simplesmente como meio de ilustração da argumentação e em última instância não há como decidir qual das atitudes seria a mais exemplar.

A narrativa de histórias paradigmáticas e o uso de exemplos é tão vasto e plural, que não há a possibilidade de extrair deles posições unívocas, ou ensinamentos definitivos. Ao representar uma variedade inefável de pontos de vista, o *exemplum* torna-se, em Montaigne, figura da pluralidade. Tal aspecto do uso de exemplos por parte deste autor é ainda reforçado pelo fato dele nem sempre comentar os exemplos a que recorre. Isto indica a ausência de uma valoração prévia que lhes seria atribuída e a disposição de espaço para que o leitor os interprete como bem entender. É neste sentido que ele diz que, quem quiser esmiuçar as suas histórias, poderá tirar delas infinitos Ensaio>s.<sup>x</sup>

A constatação da variedade é acompanhada particularmente em Montaigne por uma postura ética e intelectual profundamente tolerante, já que frente a essa multiplicidade não haveria como identificar princípios ou doutrinas que sejam mais verdadeiras, ou seja, que desfrutem de uma superioridade ontológica. Afinal, diante da inesgotável inconstância e imprevisibilidade da ação humana, como seria possível

escolher um modelo adequado a partir do qual se deve pautar a ação ou o comportamento humano?

Enfim, a variedade enfraquece o *exemplum* e dilui a sua autoridade. E na medida em que a exemplaridade do *exemplum* é continuamente posta em questão, as referências a figuras ou eventos históricos notáveis começam a perder um pouco de espaço. De acordo com Patrick Henry, o questionamento da exemplaridade constituiria mais um elemento que teria estimulado, de modo geral, uma atitude anti-mimética, mais atenta às experiências individuais, do que em fornecer modelos trans-históricos e universais que dessem conta da extensa totalidade da vida.<sup>xi</sup> A autoridade começa a ser substituída pela experiência do homem ordinário, que é tão complexa a ponto de não ser passível de redução a exemplos únicos. Diante deste cenário, as próprias experiências assumem um papel central nas investigações montaigneanas. Ainda que a perscrutação de si mesmo mantenha o olhar para o exterior, Montaigne percebe em si mesmo tanto ou mais matéria para reflexão. O movimento em direção a um pensamento mais pessoal pode ser atestado pela análise do lugar que as citações ocupam no texto de Montaigne. Enquanto no primeiro livro dos *Ensaaios* as citações, em geral, se encontram no início do capítulo e servem como centelha para toda a reflexão que lhes segue, no terceiro livro e nas revisões que vão sendo feitas, elas se encontram ao longo do texto e servem mais para ilustrar uma opinião sua, que para suscitar discussões.

É bem verdade que Sócrates aparece inúmeras vezes nos *Ensaaios* como um dos poucos modelos realmente dignos de admiração por parte de Montaigne. Mas, dizer que Sócrates é o maior exemplo de como a vida pode ser levada com simplicidade e sabedoria, não significa dizer que ele é um modelo a ser seguido.<sup>xii</sup> Isto porque a grande máxima de Sócrates, retomada por Montaigne, ou seja, “conhece-te a

ti mesmo” é, por si só, anti-mimética. “Eu que me instruo mais por oposição do que pelo exemplo, mais por evitar do que por acompanhar.”<sup>xiii</sup>

Faz também parte dessa ampla atitude anti-mimética a recomendação pedagógica de Montaigne presente em *Da Educação das Crianças*, segundo a qual seria fundamental para a formação do indivíduo o exercício da própria faculdade do julgamento, em detrimento da pura repetição de argumentos de autoridades. Seguindo a mesma recomendação de Erasmo, Montaigne diz ser preciso digerir as máximas alheias e não apenas regurgitar o que foi lido. “O estômago não realizou sua operação, se não fez mudar a característica e a forma do que lhe deram para digerir.”<sup>xiv</sup> Ao “digerir” o pensamento de outrem, ele toma outra forma, deixa de ser estranho, tornando-se, assim, reflexão pessoal.

Conforme com esta perspectiva, Montaigne recusa-se enfaticamente a servir de modelo. Ainda que o seu percurso possa servir de exemplo, ao menos segundo o sentido que o termo assume no Renascimento, é difícil pensar que o autor se avalie como exemplar. A recusa em servir de modelo é, ao contrário, normalmente acompanhada pelo discurso auto-depreciativo e irônico: “Enfim, toda essa miscelânea que vou gratujando aqui não é mais que um registro dos ensaios de minha vida, que, para a saúde interior, é bastante exemplar desde que se tome a contrapelo a instrução.”<sup>xv</sup>

Como a verdade é circunstanciada, e como não há valores que sejam universalmente válidos, a adoção de um discurso normativo, marcado pelo tom professoral, não faz sentido em Montaigne. A sua experiência, o retrato que ele pinta é único e não deve ser imitado. Cada um deve experimentar por conta própria, exercitar a sua própria faculdade de julgamento e desenvolver a sua autenticidade. Os

*Ensaio*s podem no máximo servir de inspiração, ou ilustração da única recomendação que vale a pena: conhecer-se a si mesmo.

### Considerações Finais

Pelo que foi visto até aqui torna-se claro que não é possível falar de crise do *exemplum* no Renascimento. Pelo contrário, os séculos compreendidos pela Renascença receberam a denominação de “era da exemplaridade”, pela ampla utilização de exemplos e citações tomados de empréstimo da filosofia e literatura antigas. Mas, ao mesmo tempo, esses mesmos séculos testemunharam a produção de uma reflexão sobre a pertinência destes usos, que recebia um tom crítico sobretudo quando a utilização de exemplos era acompanhada de uma recomendação, ou um desejo de imitação.<sup>xvi</sup>

Não é, pois, o *exemplum* que entra em crise, mas a exemplaridade do exemplo. A noção de exemplaridade sofre uma transformação, uma vez que abandona a pretensão de imitação. O abuso de exemplos pelo humanismo era em geral justificado pela tendência geral de evitar generalizações abstratas e dotar as idéias de concretude.<sup>xvii</sup> O uso de exemplos passa, assim, a servir para a ilustração de um pensamento e, além de não trazerem consigo necessariamente uma valoração moral prévia, que lhe seria subjacente, eles nem sempre tinham fins prescritivos. Além disso, não é sempre claro se os exemplos usados representam uma boa ou má conduta, a ser respectivamente imitada ou evitada. Enquanto a reverência do poder imitativo de exemplos tradicionais oferecia padrões de conduta moral, a nova atração por um discurso mimético mais “natural”, ou menos estrito, tendia a distanciar o estudo de modelos do esforço de duplicação. A decadência da idéia de *imitatio* medieval é um

sintoma da época, bastante presente, por exemplo também em *Dom Quixote*, onde a imitação do *ethos* medieval torna-se senão perigosa, no mínimo um sinal de loucura. Relacionar este sintoma diretamente com o ceticismo, ainda que tentador, pode ser precipitado, pois afirmar isto significaria identificar Cervantes, além de uma série de outros escritores com esta corrente filosófica.

No entanto, se atentarmos para o ceticismo antigo, tal como apresentado nas *Hipotiposes Pirrônicas*<sup>xviii</sup> e para o uso de exemplos que nelas é feito, creio ser possível, ao menos, identificar uma afinidade entre o engajamento cético e esta postura diante do uso de exemplos. Toda a narrativa que apresenta os dez *Modos* do pirronismo é acompanhada por incontáveis exemplos, que lhe servem de ilustração, dotando o discurso filosófico de uma maior concretude. A apresentação do percurso cético - de constatação de juízos diversos, que é seguida pela *isostheneia* e posteriormente pela suspensão do juízo - é toda ela exemplificada. Ao tratar do décimo *Modo*, que abrange a relatividade de hábitos, costumes e leis, Sexto Empírico lista uma série de exemplos de natureza etnográfica, sem, no entanto, afirmar qualquer um deles como sendo superior (ou mais verdadeiro). Os inúmeros exemplos elencados servem para afirmar os mais variados pontos de vista e, uma vez que eles são considerados equivalentes, as oposições acabam sendo isentas de hierarquização filosófica. O ceticismo pirrônico não pretende demonstrar uma tese filosófica específica, à qual o uso de exemplos estaria subordinada, mas apenas esboçar o trajeto filosófico marcado pela oposição de proposições, que é narrado a partir de uma pluralidade de exemplos que se equivalem. O lugar que os exemplos ocupam na obra de Erasmo e, sobretudo na de Montaigne, se aproxima do uso que é feito nas *Hipotiposes Pirrônicas*, uma vez que eles se tornam figura da pluralidade e ilustração

de uma das constatações mais fundamentais, comum a estes autores, que é a da variedade inefável da existência humana.

---

<sup>i</sup> Mestranda em Filosofia pelo CESR-Tours, katarinawolter@hotmail.com.

<sup>ii</sup> Para um tratamento bastante amplo sobre a questão do exemplo no Renascimento ver a obra de LYONS, J. *Exemplum: the rhetoric of example in early modern France and Italy*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

<sup>iii</sup> Segundo John Lyons, este termo seria próximo, neste sentido, do verbo *détailler* em francês, ou *detagliare* em italiano, que também denotam um corte. O termo *exemplum* explicita, portanto, algo que o termo grego (*paradeigma*), tal como apresentado por Aristóteles, não indicava. LYONS, J. *Op. cit.*

<sup>iv</sup> A discussão em torno do exemplo de Nero aparece no primeiro ensaio do segundo livro, intitulado *Da inconstância de nossas ações*. MONTAIGNE, M. de. *Ensaaios*, livros I, II e III, traduzidos por Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000, II, 1, p. 4.

<sup>v</sup> LYONS, J. *Op. cit.*

<sup>vi</sup> A primeira edição desta obra é finalizada por Erasmo durante a sua mais longa estadia na Inglaterra e é dedicada a seu amigo John Colet, provavelmente para que ele a usasse na St. Paul's School, que ele havia recentemente aberto em Londres. ERASMUS, *On Copia of Words and Ideas (De Utraque Verborum ac Rerum Copia)*, traduzido do latim por Donald B. King e H. David Rix, Wisconsin: Marquette University Press, 2007.

<sup>vii</sup> Ciceroniano. Erasmus, "Le Ciceronien", In: BLUM, C; MARGOLIN, J-C; et al. (Org.) *Érasme*. Paris: Robert Laffont, 1992.

<sup>viii</sup> Ver STIERLE, K. "Three Moments in the Crisis of Exemplarity: Boccaccio-Petrarch, Montaigne, and Cervantes". In: *Journal of the History of Ideas*. Volume 59, 1998.

<sup>ix</sup> Sobre a importância filosófica do descobrimento do Novo Mundo ver MARCONDES, D. "O impacto do descobrimento do Brasil no pensamento moderno." In: ROCHA, E. (Org.) *Cultura brasileira: reflexões, análises e perspectivas*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

<sup>x</sup> MONTAIGNE, M. de. *Op. cit.*, I, 40, p. 374.

<sup>xi</sup> HENRY, P. "The Rise of the Essay: Montaigne and the novel". In: *Montaigne Studies*. Volume 6, 1994.

<sup>xii</sup> HENRY, P. *Op. cit.*, p. 115.

<sup>xiii</sup> MONTAIGNE, M. de. *Op. cit.*, III, 8, p. 205.

<sup>xiv</sup> MONTAIGNE, M. de. *Op. cit.*, I, 26, p. 225.

<sup>xv</sup> MONTAIGNE, M. de. *Op. cit.*, III, 13, p. 444.

<sup>xvi</sup> LYONS, J. *Op. cit.*

<sup>xvii</sup> OLSCHKI, L. *The Genius of Italy*. Oxford: Oxford University Press, 1949, p. 43-44.

<sup>xviii</sup> SEXTUS EMPIRICUS. *Outlines of Pyrrhonism*. Tradução de R. G. Bury. Nova Iorque: Prometheus Books, 1990.